

MEMÓRIA E HISTÓRIA: A CONSTRUÇÃO DO FEMININO EM *O ALEGRE CANTO DA PERDIZ*, DE PAULINA CHIZIANE

Luciana Morais da Silva

Resumo: O propósito da presente reflexão é identificar em *O alegre canto da perdiz*, da escritora Paulina Chiziane, os processos de construção das personagens. O percurso narrativo envereda por traumas e dores pertencentes aos conflitos coloniais e também pelo sofrimento recorrente imputado ao feminino. A proposta foi identificar as gerações de mulheres retratadas na obra e analisar os diversos sentidos existentes em suas vidas. Pretende-se perceber como os traumas coloniais asseveram a condição subserviente da mulher. Sob o olhar de Chiziane, o Moçambique colonial é observado como uma nação a ser explorada e, por isso, o feminino é jogado na obscuridade. A autora celebra a força da mulher, capaz de subverter as mais diversas dores e, por fim, fazer nascer a esperança, principalmente ao se resguardar no sagrado da memória e no combate contra as mazelas que invadiram sua terra.

Palavras-chave: Personagem; Feminino; Memória e História; Narrativa; Racismo.

Abstract: The purpose of this reflection is to identify in *O alegre canto da perdiz*, of the writer Paulina Chiziane, the processes of construction of the characters. The narrative path goes through traumas and pains belonging to colonial conflicts and also due to the recurring suffering attributed to the female. The proposal was to identify generations of women and analyze the different meanings that exist in their lives. It is intended to understand how colonial traumas assert the subservient condition intended for women. Under the view of Chiziane, the colonial Mozambique is seen as a nation to be explored and, for this reason, the feminine is thrown even more into obscurity. The authoress celebrates the strength of the feminine, capable of subverting the most diverse pains and finally giving rise to hope, especially when protecting herself from the sacred of memory and in fighting against the ills that invaded her land.

Keywords: Character; Feminine; Memory and History; Narrative; Racism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

On ne naît pas femme: on le devient.
(BEAUVOIR, 1949, p. 14, grifos nossos)

Construída nas margens de um mundo em transição, a narrativa de Paulina Chiziane, *O alegre canto da perdiz* (2017), reproduz a história colonial, demonstrando como as memórias doloridas da segregação e da inferiorização, especialmente, das mulheres se perpetuam e, por vezes, são capazes de estabelecer uma herança de caos e dor. A estratégia utilizada pela autora possibilita a percepção de uma denúncia perspicaz acerca de práticas que precisam ser quotidianamente combatidas. A célebre frase de Simone de Beauvoir permite um diálogo bastante fortuito com o cerne da construção das personagens em Chiziane. O ser mulher transcende a ideia de nascimento, de raça, de gênero etc. O feminino é capaz de inquirir, confrontar, debater e, principalmente, de se reconstruir diante das maiores dores e fraturas. Percebe-se, dessa maneira, que:

[N]os romances chizianianos a identidade feminina descobre-se como uma pura invenção do discurso patriarcal que a estabelece como representação do 'outro' que, por seu turno, é definido como dependente, secundário, subordinado e submisso, por natureza, e que deve cumprir o papel social da mulher-esposa altruísta; esse papel faz dela um ser que só pode ser

realizado plenamente quando se auto-anula para apenas se afirmar através da supremacia do seu próprio marido. É precisamente esta construção da imagem da mulher/esposa a partir do discurso patriarcal, que explica a alegação de Simone de Beauvoir que a mulher não nasce como tal, mas torna-se mulher... (BOUTCHICH, 2016, p. 25)

As gerações de mulheres construídas por Chiziane nessa narrativa são frutos de um conjunto de estratégias, muito bem engendradas, para evidenciar as feridas que se acumulam e se expõem na história do feminino. A autora, em diversos momentos, coloca em destaque as marcas da opressão imposta às mulheres e aos negros na Zambézia, principalmente no decorrer do período colonial. Entrementes, a moçambicana não deixa de focalizar a potência do feminino, submetido e abatido pelo racismo e pela constante agressão, dotado, porém, de um poder advindo “dos princípios dos princípios” (CHIZIANE, 2017) – há aqui uma clara menção a ancestralidade, termo que se configura pela alusão aos antepassados, indicando um conhecimento apreendido a partir do saber de gerações anteriores –, relatado a partir de um conto sobre uma origem matriarcal do mundo.

Nas palavras de Doris Wieser, Paulina Chiziane é um:

[P]onto de referência incontornável para as lutas feministas desse país, uma mulher que abordou na sua literatura, com intensidade

inusitada, aspetos especialmente conflituosos do tecido cultural africano, trabalhando temas de que ninguém quer ouvir falar ou debater, nem no espaço privado, menos ainda na esfera pública e política. (WIESER, 2014)

A narrativa revela uma vivência do tecido cultural do país, apontando a conflituosa (r)existência de homens e mulheres ao serem submetidos a outra cultura, profundamente diversa da sua. Nesse mundo de busca e redenção, o amor não parece o caminho para a construção de dias mais fortuitos, mas é através de sua concretização que os preconceitos se esfacelam e as personagens alcançam humanidade. No percurso afetivo, Chiziane destrói e, em seguida, reconstrói suas personagens, dotando-as de medos, infelicidades e, ainda, de uma força capaz de ultrapassar os momentos mais nebulosos. É, pois, pelo encontro da memória com a história que os mistérios são revelados e, então, as personagens obtêm o afastamento dos traumas e o encontro com o sonho.

A narrativa é entretecida por um olhar detido na vida de personagens em meio ao caos, demonstrando como a aculturação, o racismo e a presunção de superioridade são capazes de gerar um mar de desordem, em que se alienam em busca de se recompor, como é o caso, por exemplo,

de Maria das Dores. Trata-se da personagem que inicia o romance, filha de Delfina e José dos Montes, pai negro, e de Soares, pai branco de criação. Ela é neta de Serafina. Maria das Dores é uma personagem apresentada em diversas fases da sua vida no decorrer da história e em todas as suas dores.

Em *Memória do mal, tentação do bem*, Tzvetan Todorov ensina que “a vida e a dignidade de um homem ou de uma mulher, de uma criança ou de um velhinho são igualmente preciosas, sejam quais forem a raça, a nação ou a cultura deles” (TODOROV, 2002, p. 191). O ensinamento dado pelo teórico búlgaro vai ao encontro de toda a denúncia estrategicamente impetrada por Chiziane, haja vista as profundas mazelas presentes na construção do lar de Delfina. Esta mulher, prostituída pela mãe, almeja escapar à miséria quotidiana e adquirir outro status social, deixando, em certo sentido, sua vida de mulher negra, que se vende, para obter uma condição mais digna, como a dos brancos colonos. Nesse sentido, casar-se com um branco ou ser uma concubina acaba por tornar-se símbolo de uma vida melhor. Como observa a própria autora em entrevista concedida a Wieser:

[E]u tinha uma vizinha que era mulata ou mestiça (eu não diferencio estes termos). E havia uma mulher que varria e cozinhava na casa dela. Eu pensei que fosse empregada

doméstica. Vim a saber pouco depois que não era empregada, mas irmã. E quem dava ordens na casa para as coisas funcionarem era a mãe, a mãe da mulata e da preta. A mulata quando volta deve ter a comida sempre pronta, a casa sempre limpa porque a filha negra tem de fazer este trabalho. Criei assim uma relação com a família. E a senhora preta, a mãe das duas, dizia: “Eu estou bem, tenho boas casas que o meu marido deixou, o meu marido branco. Tenho uma boa situação financeira, por causa do pai desta. Agora o pai da outra, o que é que me deu? Nada. Consigo comer e educar os filhos graças ao dinheiro que recebo do pai desta.” Portanto é a mãe que fica no meio que faz a distinção rracica. A mãe negra consegue ser mais racista do que os próprios filhos. Eu conheci esta família no ano 2001 quando fui para a Zambézia trabalhar. Para mim foi surpreendente porque até àquela altura eu considerava o racismo como defeito do branco, mas o racismo também pode ser promovido por um negro. (WIESER, 2014)

É importante compreender, nesse contexto, a maneira como Chiziane se apropria da história vivida na casa de uma vizinha para elaborar sua personagem Delfina. Trata-se de um ente ficcional imensamente forte e capaz das maiores transformações em sua vida e na vida dos seres ao seu redor. No entanto, uma mulher ferida e que, por sua vez, ao aprender a trilhar apenas o caminho do martírio, não

obsta em ceifar sonhos. A construção dessa personagem denota como a sensação de não pertencimento pode gerar profundas e dolorosas consequências. Em um cenário de cicatrizes, o feminino é forjado pela consciente percepção de um período de transições, indicando o modo como a mulher pode também lutar por mudanças, sobrevivendo até mesmo ao infortúnio gerado por suas más escolhas.

O percurso por essa Zambézia ficcional, desenvolvido pela escritora, cheio de imposições e conflitos coloniais, será, portanto, descortinado por meio da passagem do tempo na vida de gerações de uma mesma família, que protagonizam a história. O eixo central da narrativa é o feminino e o modo como essa família sobreviverá aos caminhos antagônicos de sua condição subalternizada no decorrer do tempo.

MEMÓRIA, HISTÓRIA E A EXPRESSÃO DO RACISMO

A escritora Paulina Chiziane, nascida em Gaza, expõe em sua produção literária a construção de um mundo vivo e profundamente ornado pela oralidade, apreendida desde a infância. Em entrevista dada a Patrick Chabal, ela revela que sua avó, mãe de sua mãe, “era uma contadora de histórias muito célebre” (CHABAL, 1994, p. 297). Assim, a autora mostra um pouco de seu percurso pelas histórias e, ainda, pela descoberta do que ela mesma viria a chamar

de “elo mais forte de sua escrita” (CHABAL, 1994, p. 297), a oralidade.

Para Ana Mafalda Leite: “[u]ma das questões mais permanentes nos estudos críticos africanos no decorrer das últimas décadas tem a ver com a demonstração das relações que a literatura africana, escrita em línguas europeias, estabelece com as fontes indígenas orais” (LEITE, 2013, p. 147). As raízes orais de Chiziane são avivadas por uma capacidade de afetar seus leitores, sendo a eles permitido o compartilhamento dos sentimentos e conflitos que constituem suas personagens. Seu percurso narrativo demonstra, por exemplo, a “configuração especial que a oralidade, ou oratura, institui nos textos literários [...] [, levando] à caracterização da especificidade e autonomia dessas literaturas em relação às suas origens coloniais” (LEITE, 2013, p. 147).

O memorialismo, determinado pelo recurso ao conjunto de vivências obtido no contato com a oralidade de sua avó, envereda pelo nexo construído por uma percepção afetiva de narrativas. Como Chiziane observa, em entrevista dada a José Maria Remédios, “[q]uem escreve um livro, quer, de certo modo, exteriorizar o mundo que vê, o mundo que sonha, tentando trazer um ponto de equilíbrio para o meio que nos

rodeia” (REMÉDIOS, 2016). Afinal, para ela, “a oralidade dá mais dinâmica à palavra” (CHABAL, 1994, p. 300). A história contida em suas memórias permite a percepção acerca da construção de uma narrativa marcada pelo olhar arguto de uma escritora que verte em palavras “a musicalidade poética” (CHABAL, 1994, p. 301) – conforme reflexão da autora em entrevista a Chabal – contida em sua prosa.

Paulina Chiziane, apesar de ocupar um espaço singular na história de Moçambique, passou por uma série de intempéries. Em uma entrevista realizada com a escritora, Remédios ressalva:

[É] a escritora mais incisiva no universo literário moçambicano. Começou a publicar por volta de 1984 e, em 1990, lança seu primeiro livro: *Balada de amor ao vento*. A partir daí, nunca mais cedeu. Vieram mais e muitos livros que a levaram a conquistar o mundo, com muitos aborrecimentos pelo meio, pois a autora nunca se sentiu compreendida no seu país. (REMÉDIOS, 2016)

A primeira mulher a publicar um romance em Moçambique descreve uma trajetória árdua por caminhos de lutas e de encontros, tal qual o descrito por suas personagens femininas, mundos de conflitos, de sabores e de saberes – sabores locais, mencionados pelas personagens, e saberes ancestrais, derivados do

conhecimento advindo dos antepassados. De acordo com Norma Lima, “a escritora evidencia as tensões da sociedade colonial em suas tentativas de exterminar a memória africana no próprio ser africano” (2021, p. 129). O conjunto das obras escritas por Paulina Chiziane permite uma importante imersão nas contínuas fraturas que constituem o feminino em Moçambique. Chiziane, conforme aponta Wieser, “[c]onseguiu arquitetar uma voz muito particular, uma voz feminina num contexto amplamente patriarcal, que nasce não de quaisquer pretensões artísticas, mas de uma profunda necessidade de narrar Moçambique” (WIESER, 2014). Sua voz chora as dores e traumas, traduzidos pela descrição afetiva do cotidiano de personagens invadidas por memórias de uma violência extrema e uma história de conflito entre dominador e dominado.

O passado, o presente e o futuro são formulados a partir de um narrador onisciente, que acompanha a vida de cada personagem, sendo testemunha das lembranças de vidas perpassadas por preconceitos e submissão. Chiziane traça uma linha reflexiva na narrativa, produzindo a ideia de um conjunto de lembranças aliadas a fatos históricos intransponíveis e indiscutíveis. Nas palavras de Henri Bergson, a memória é a “síntese do passado

e do presente com vistas ao futuro, na medida em que condensa os momentos dessa matéria para servir-se dela e para manifestar-se através de *ações* que são a razão de ser de sua união com o corpo” (BERGSON, 2010, p. 259). Assim, cada lembrança, cada breve percepção, é capaz de despertar conjuntos de atualizações e experiências evidenciadas no reconhecimento: quer de hábitos, quer de sensações já vividas.

A linha entre a ausência de passado da personagem Maria das Dores, logo no início do romance, e sua chegada prenhe de saberes, ao fim da narrativa, designa um modelo gradativo de estruturação do passado. Nele, mesclam-se as idas e as vindas de uma família moldada a partir de traumas contidos na História e também na Memória. Ao sair do presente de Maria das Dores, a narrativa se sedimenta em suas origens, chega ao seu nascimento e se desenrola apresentando toda a sua vida.

A obra de Chiziane nasce em uma Zambézia independente (CHIZIANE, 2017), seguindo a aparente liberdade da idosa Maria das Dores, contudo, toda a narrativa é gestada no cerne da chegada dos portugueses e os percalços derivados desse acontecimento, inclusive as memórias infelizes que acometem e desestruturam as personagens. O colonialismo

acaba por “descivilizar o colono” (CÉSAIRE, 1977, p. 17), afinal, “a empresa colonial, a conquista colonial, fundada sobre o desprezo pelo homem indígena e justificada por esse desprezo” (CÉSAIRE, 1977, p. 23), modifica os colonos que, por sua vez, instauram uma relação nas colônias em que “só há lugar para trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias [...] as elites descerebradas, as massas aviltadas” (CÉSAIRE, 1977, p. 25). O racismo institucionalizado (HENRIQUES, 2017, p. 196), a pilhagem, o desprezo pelo povo compõem uma história acerca da completa violação cultural sofrida em Moçambique. As imagens de abuso e da opressão estão presentes, por exemplo, na vida de Maria das Dores, personagem que tem a própria mãe como algoz, já que a obriga a servir sua irmã, Jacinta, filha mulata do branco Soares – amante de Delfina –, e a usa para saldar suas dívidas junto a Simba – feiticeiro e também um dos amantes de Delfina.

A sequência de acontecimentos entre memórias e história é constituída até mesmo pelo sentimento vívido de traição, sentido por José dos Montes, homem “pobre e preto” (CHIZIANE, 2017) – pai de Maria das Dores e marido de Delfina –, cujo nome seria “registrado na memória da

Zambézia como um produtor da História” (CHIZIANE, 2017). Homem negro capaz de entrar em combate com um branco e, ainda, ser o carrasco de seus iguais na tentativa de alcançar melhoria de vida, de manter o carinho de sua esposa. Isso pode ser percebido no trecho:

[O] colonialismo é macho, engravidou o ventre da tua mulher. Roubou o beijo da tua namorada e o sorriso dos teus filhos. Oh, o chicote do branco é uma carícia, não dói. O chicote verdadeiro é o que assobia nas mãos do teu irmão. Chapada de branco é esponja sobre a pele, não é nada. A mão do preto tem calos, cicatrizes, tatuagens, espinhos. Dura como ferro. Pica, fende, fere, quebra. E dói ainda mais porque é teu irmão. **A injúria de branco é estrangeira, passageira.** Mas a do teu irmão é espinhosa, o preto José passou para o lado dos brancos. (CHIZIANE, 2017, grifos nossos)

O doloroso cenário reconstituído pela imagem do “colonialismo macho” (CHIZIANE, 2017) e estrangeiro possibilita a percepção da dor da traição. A pior injúria não vem das mãos do outro, branco e alóctone, mas dos gestos dos conhecidos, negros e autóctones. Como mostra o narrador, o homem abandona sua língua chamada bárbara e suas crenças, conforme se verifica na passagem:

[J]ura, renuncia, mata tudo, para nasceres outra vez. Mata a tua língua, a tua tribo, a tua crença. Vamos, queima os teus amuletos, os

velhos altares e os velhos espíritos pagãos. José faz o juramento perante um oficial de justiça, que mais se parece com um juramento de bandeira. Com pouca cerimônia, diante de um oficial meio embriagado.

— Eu juro — repetia.

— Juras abandonar essas crenças selvagens, a língua atrasada, e a vida bárbara?

— Sim, eu juro.

— Bom rapaz. Agora assina aqui.
(CHIZIANE, 2017)

Em um incansável desejo de ser engrandecido diante do olhar preconceituoso de Delfina, José afirma-se como portador da morte, isto é, um sipaio – “[t]he word sipaio originated from the word “sepoy” [...]. Sipaios worked as guards, civilian soldiers, police or tax collectors” (FUNADA-CLASSEN, 2012, p. 66)¹; são uma força militar composta por moçambicanos assimilados e comandada por um europeu –, que enxerga como única saída para o futuro negar suas crenças, ser a ponta da lança. Revela-se, nas palavras do narrador, o fluxo de consciência do confuso José: “[c]olonizar é mesmo isto. Desviar o curso do rio. Matar de sede os peixes, as algas e os corais. [...] Por amor, julga ele. Colonizar é fechar todas as portas e deixar apenas uma.

1 “a palavra sipaio originou-se da palavra “sepoy” [...]. Sipaios trabalhavam como guardas, soldados civis, policia ou coletores de taxas” (FUNADA-CLASSEN, 2012, p. 66, tradução nossa)

A assimilação era o único caminho para a sobrevivência” (CHIZIANE, 2017). Assim, o percurso da personagem no âmbito narrativo revela, pouco a pouco, sua desestrutura para se encaixar na sua nova condição de assimilado – “[a] pesar de ser considerado cidadão português, não o era de fato, na medida em que, pela sua condição racial e origem africana, não se reconhecia nele um cidadão completamente ‘igual’ ao ‘cidadão originário’ – o colono português”. (MINDOSO, 2017, p. 14) – e sipaio.

O colonialismo, em Chiziane, define um mundo de disparidades e tentativas nulas de mudança na situação encarada por homens e mulheres. Ao enfrentar uma realidade de repressão, as personagens confundem e são confundidas: a negra Delfina tenta de qualquer maneira ser embranquecida por seus hábitos; o sipaio José almeja conquistar o amor por meio da ascensão social e mesmo da negação de suas origens; os filhos de Delfina e José são segregados em um lar que se divide entre brancos e negros, entre aqueles que devem ser servidos e os que devem servir. O colonialismo cobra, portanto, um preço caro aos povos colonizados, transformando seres humanos em servos e, por vezes, os torturando a uma vida de submissão e apagamento de sua cultura.

O narrador, ao adentrar os sentimentos e percepções das personagens, estabelece a composição das mais diversas emoções que perpassam o cotidiano atribulado da família de Delfina. Como explica Jeanne Marie Gagnebin,

aquela que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente. (GAGNEBIN, 2006, p. 57)

As várias gerações dessa família acabam por estabelecer a construção de uma memória afetiva de estilhaçamento, de sombras, de sobrevivência, e não de vida. A repugnância de Delfina pela própria cor da pele e seu desejo pulsante por ascender socialmente tornam-na incapaz de compreender sua importância na vida daqueles que estão ao seu lado, caso, por exemplo, do sipaio José, da filha Maria das Dores e, ainda, do branco Soares.

Segundo Bergson, “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. **Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de**

detalhes de nossa experiência passada” (BERGSON, 2010, p. 30, grifos nossos). A percepção do mundo ao redor ocorre, portanto, a partir de conexões entre o ontem e hoje. O passado, em certo sentido, persiste na apreensão do presente. As experiências passadas de Delfina levaram-na para o caminho da prostituição e, mesmo, da concepção de um mundo a ser comprado por sua beleza, que tinha preço e um tempo a ser bebida. Desse modo, a *duração* real “aquilo que sempre se chamou *tempo*, mas o tempo percebido como indivisível” (BERGSON, 2006, p. 172), concretiza-se na permanência da experiência passada no cotidiano das personagens, estabelecendo a continuidade do sofrimento no tempo, a permanência dos traumas. A sucessão que se apresenta “primeiro à nossa consciência como a distinção de um ‘antes’ e de um ‘depois’ justapostos...” (BERGSON, 2006, p. 172) fornece a projeção de uma memória afetiva estruturada sob ruínas, com migalhas de amor espalhadas por entre as feridas de uma mulher que passou sua vida buscando ser digna de uma identidade estrangeira.

A perspectiva fragmentada e confusa da personagem remete ao conflito e inconstância diante da possibilidade de futuro. A ideia de focar apenas no futuro, sem lembrar o passado, na linha de um porvir tempestivo, está presente na representação de:

um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e a dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade [...] o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto um amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é chamada de progresso. (BENJAMIN, 1987, p. 226)

O impulso para o progresso leva Delfina para maiores tempestades e um mergulho sem volta em uma vida de catástrofes. A mulher despreza o passado, rejeita sua condição submissa e almeja o encontro com uma vida menos desumana, porém o caminho do progresso é cheio de limitações. Ela acaba não percebendo seu próprio presente: José dos Montes, o pai preto de Maria das Dores, apesar de aceitar se tornar assimilado para satisfação de Delfina, não ganhava o suficiente e nem era branco; Já Soares, o pai branco de Jacinta, era também insuficiente, visto que a negra queria cada vez mais parecer branca. Afinal, “[a]s mulheres negras que casam com brancos sobem na vida” (CHIZIANE, 2017).

A personagem remete para uma desestrutura presente em seu próprio cerne, principalmente por se tratar de uma mulher repetidamente repudiada por uma estrutura social que a violentou e, depois, a abandonou na prostituição. Para ela, importava apenas ascender ao *status* social dos brancos, ter filhos brancos e, talvez, extinguir os estigmas perpetuados pela violência contra a cor da sua pele, seu contínuo pecado: ela “é negra e é bela” (CHIZIANE, 2017).

A história e a memória modeladas na ficção constroem-se na margem de um mundo de compreensões díspares e contraditórias. A memória que permite ao ser a percepção do mundo, o reconhecimento das coisas, e, ainda, a retenção de histórias garante aos olhos a capacidade de ver e, posteriormente, narrar. A ideia de narrar abarca o cerne da teoria dos mundos possíveis, que seriam *artefatos* derivados de atividades estéticas (DOLEZEL, 1999, p. 32-33), ou seja, uma coleção subjetiva de estado de coisas, distinguida das proposições que descrevem esses estados (PAVEL, 1988, p. 68), para constituir os mundos da ficção. A escritora Paulina Chiziane em busca de exercer sua destinação criadora constrói a Moçambique colonial, porém demonstrando as calamidades derivadas das profundas diferenças e secções instituídas na sociedade: entre homens e mulheres, e entre brancos e negros.

O período colonial, de acordo com José Luís Cabaço, em *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação* (2009), é marcado por uma polarização racial, em que o racismo se alimenta do desconhecimento recíproco e se fortalece na constituição de formações sociais, que se identificam, mas que se situam na função de oposição ao outro. O diferente, aquilo que é aparentemente desconhecido, tem como resposta o enfrentamento e, por fim, a submissão a qualquer custo.

Assim, a mulher subalterna encontra-se em uma condição ainda mais periférica, “não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p. 15). Como se lê em Chiziane, as jovens mulheres, protagonistas de sua narrativa, são também vítimas da cor de sua pele, assim como de sua sexualidade. O prefaciador de *Le deuxième sexe: Les faits et les mythes*², de Simone de Beauvoir, destaca: “[e]lle a en tout cas contribué plus que tout autre à l’émergence d’une conscience féminine capable de surmonter la fatalité de sa condition” (GROULT, 1949, p. 20)³. A conquista de direitos femininos está também presente no imaginário das personagens negras

2 *O segundo sexo: Os fatos e os mitos* (1949, tradução nossa).

3 “Em todo caso, ela contribuiu mais do que qualquer outra para o surgimento de uma consciência feminina capaz de superar a fatalidade de sua condição” (GROULT, 1949, p. 20, tradução nossa).

estruturadas por Chiziane. Em sua narrativa, entre erros e acertos, as mulheres caminham pela tortuosa vida, ainda que sem descobrir a felicidade. As ruínas de sua história substituídas pela ideia de progresso acabam por causar-lhes uma fratura, impelindo-as a uma continua busca por satisfazer uma suposta ascensão.

A narrativa envereda pelos caminhos de um combate ao racismo e, ainda, na configuração da mulher negra em toda sua essência e poder. Com personagens fortes e determinadas, a autora Moçambicana desliza entre os extremos do quotidiano para demonstrar cada uma das dificuldades enfrentadas pelo feminino para superar a fatalidade de sua condição. Caso, por exemplo, de Serafina e Delfina: duas mulheres, duas negras, mãe e filha, todavia incapazes de extinguir a dor que lhes é imposta por sua condição de mulheres negras. A dor perpetuada em gerações de mulheres fica muito transparente na discussão de Delfina com a filha Jacinta:

— Por que não nos fizeste iguais, mãe? Por que não nos fizeste todos pretos ou todos mulatos? Por que ergueste tu esta divisão e esta fronteira?

— Ah, Jacinta! Um dia reconhecerás todo o bem que por ti fiz.

— Mãe, jamais te irei agradecer por um crime. **Enterraste a tua filha viva.** Por que odiavas tanto a Maria das Dores?

Delfina não odiava Maria das Dores. Nem se odiava. **Odiava o mundo. O regime. Odiava as diferenças, que criavam senhores e escravos.** Não podia odiá-la. Maria das Dores era uma criança obediente, trabalhadora incansável, servente do bar, cozinheira, vendedeira de pão no mercado do subúrbio, que cuidava da higiene da casa e das crianças, que tudo fazia para a Jacinta estar livre e estudar sem interferência. A filha que suportava as birras maternas sem reclamar, porque era negra e não tinha pai. (CHIZIANE, 2017, grifos nossos)

Jacinta, em conflito devido à ausência de sua amada irmã, Maria das Dores, acaba por denunciar todo o sistema opressor imposto pela própria mãe. Delfina foi aliciada por sua própria mãe, ela foi “inaugurada por um velho branco a troco de um copo de vinho” (CHIZIANE, 2017). A violência é uma dor que não se extingue e, ao ferir sua própria filha – “No sorriso de uma mãe o choro de uma criança” (CHIZIANE, 2017) –, levando-a para pagar uma dívida sua, Delfina estabelece uma herança de perda: Maria das Dores estaria, a partir dali, marcada pelo “dia em que a sua vida se modificara para sempre” (CHIZIANE, 2017). As dores presentes no nome da personagem mais uma vez ratificariam as desgraças e decepções. De repente tudo a sua volta se modificara, tendo perdido a família, a infância e, ainda, a liberdade. No trecho a seguir percebe-se que:

[D]o outro lado Delfina treme, encharcada de medo e suor. Ela ouve tudo. O grito da filha. Os gemidos do homem. O grunhido de uma bestialidade saciada. A princípio sorriu, pensando na dívida saldada. [...] Aquela filha já era mulher. Uma mulher que veio dela. Herdeira dos seus genes, do seu destino e dos seus amores endiabrados. Que aguardava o fim da tortura naquele **acto de sexo iniciação, sexo vingança, sexo negócio**. (CHIZIANE, 2017, grifos nossos)

A fratura causada pela dor da violência incapacita o humano. Como diz Márcio Seligmann-Silva “[o] trauma encontra na imaginação um meio para sua narração” (SELIGMAN-SILVA, 2008, p. 70). Assim, a jovem Maria das Dores, menina, transforma-se em uma mulher, ela é a negra à beira do rio, perdida e ausente, descrita no início da obra. As dores de Maria das Dores, já prescritas em seu nome, revelam-se como uma mácula incontornável em sua vida. A imaginação na construção dessa personagem é utilizada como uma forma de “enfrentar o buraco negro do real trauma” (SELIGMAN-SILVA, 2008, p. 70). A Memória e a História cruzam-se na vida dessas personagens femininas fortes, porém profundamente feridas. A voz de Paulina Chiziane ecoa, por conseguinte, na construção de seres ficcionais que perseveram e vencem seus traumas e sua clausura, seja do corpo, seja da mente.

AS PERSONAGENS FEMININAS NA COMPOSIÇÃO DE MUNDOS EM CONFLITO

As personagens que compõem o núcleo central da narrativa denunciam o modo como o colonialismo dilacerou as bases sociais locais, confrontando-se com as crenças, as certezas e, mesmo, os conhecimentos de todos. O mundo da personagem Delfina encontra-se em claro esfacelamento, porém, não há, no âmbito narrativo, nada a ser organizado ou formado. As personagens que queiram fazer parte da sociedade colonial precisam aceitar a língua dos brancos e negar suas crenças e, por fim, devem estar dispostas a ceder às vontades dos brancos que, em diversos momentos, aparentam ter total domínio sobre os colonizados, além de um profundo desprezo.

No trecho a seguir, uma personagem, ao falar com José, revela a importância de poder usar o nome de seu branco, isto é, o homem com o qual dividia a mulher:

[e] explica-se.

— O nome que uso é do meu branco, Francisco da Silveira. **Os meus primogénitos são do meu branco.** Esta casa foi dada por ele. Os meus filhos pretos educados por ele. **Tenho uma vida folgada graças a ele.** Debaixo deste tecto cruzam-se todas as raças. Das gémeas, uma casou com um preto e outra com um mulato. A minha preta casou

com um branco. O preto com uma mulata. O meu indiano um dia também casará, só Deus sabe com que raça.

— Falas do tal Francisco da Silveira como um salvador. Pode-se amar um inimigo?

— O Francisco da Silveira era um homem bom. Leu, no meu gesto, a cor do meu desespero. Percebeu que eu era humano e sofria.

— Entregar a tua própria mulher? Alugá-la? Foste capaz?

— Fui, sim. Era uma condição de existência. (CHIZIANE, 2017, grifos nossos)

Percebe-se que a personagem aceita as situações conflituosas e transforma o que seria uma desgraça em motivo de felicidade e também lucro. Talvez a perspectiva da personagem seja construída para demonstrar uma virada na lógica degradante da submissão do negro ao branco, ao invés de ser deportado e perder a esposa, Francisco Silveira escolheu dividi-la. O patrão ao encantar-se pela esposa de Silveira poderia acabar com a vida do negro, mas o empregado opta por deixar que o branco use sua esposa em troca de benefícios financeiros. Entretanto, os termos dessa divisão em momento algum compõem qualquer menção à vontade da mulher, ao contrário, o sujeito revela “alugar a esposa a qualquer homem a troco

de roupa, farinha e sabão” (CHIZIANE, 2017). Para ele, seria motivo de orgulho ter filhos de diferentes raças e poder contar com a ajuda de seu patrão e de outros homens com os quais divide a mulher. O aproveitamento da condição que lhe é imposta poderia ser considerado uma forma de subverter a lógica do opressor, sendo, então, ele o dono de seu lar, principalmente ao liberar a esposa para ser polígama – ter união conjugal entre mais de duas pessoas –, em geral permitido apenas aos homens. O tema da poligamia é recorrente na obra de Paulina Chiziane, sendo inclusive parte do primeiro romance, *Balada de Amor ao Vento* (1990), da escritora.

A construção dessa personagem, no entanto, coloca uma grande questão diante de uma narrativa que perpassa a vida de mulheres: Uma mulher poderia gostar de vir a ser vendida? E a questão vai sendo reconstruída de diferentes maneiras no decorrer da narrativa. Nota-se, então, como o universo patriarcal torna a mulher um objeto, submetida aos desejos de seu dono, que pode determinar seu preço. A “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2010, p. 15). Desse modo, o colonialismo exacerba a crueldade do apagamento do feminino, pois se o marido,

para obter respeito, precisa do nome de um branco, à mulher é interdito ter voz e vez, sendo parte das atribuições do homem escolher seu destino.

Depreende-se, a partir dessas várias reflexões, como o feminino acaba subalternizado no imaginário colonial. Assim, podem-se destacar as ações conturbadas da personagem Delfina como maneiras inconscientes de extrapolar as imposições do racismo e da sociedade patriarcal, visto que ela busca a todo tempo ser a dona de seu destino, escolhendo o marido, voltando a se prostituir e ao se unir a Soares. O mundo armado ficcionalmente por Chiziane demonstra a grande complexidade enfrentada pelo feminino diante do preconceito, que é oriundo dos brancos e dos negros, como se percebe na ideia dos casos perdidos: a jovem Maria das Dores que já não é mais virgem após sofrer uma violência.

Nesse mundo de imagens conturbadas e entes ficcionais profundamente afetados pelos preconceitos e limitações, Chiziane edifica conjuntos de estratégias e marcas discursivas que se estruturam no papel para compor seres identificáveis e identificados, as suas personagens. Esses alicerces narrativos são projetados desde seus traços físicos até o modo como enunciam seus pensamentos ou

vontades. As personagens, na composição da autora, são mapeadas, ganhando indicação étnica, árvore genealógica e, principalmente, psiquê. A filha branca de Delfina, nascida de sua relação com o branco Soares, ganha um capítulo dedicado ao construto de seu entrelugar, uma vez que não ser nem branca, nem negra, em uma sociedade preconceituosa, a torna não identificável, especialmente depois do afastamento de Maria das Dores. Acerca dos processos de composição de personagem, de mundos possíveis ficcionais, Tomás Albaladejo Mayordomo lembra:

[e]n dicho análisis se establece la estructura de submundos de cada uno de los mundos de **personaje y la de cada uno de tales submundos, que están formados por seres, representados por actores, como realizaciones concretas de actantes, y por estados, procesos y acciones, representados como proposiciones**. Mediante este análisis se llega al conocimiento y explicitación de la estructura de mundos del texto narrativo, que, elaborada por el autor, constituye la armazón semántica de dicho texto y de su referente y a cual llega el lector en su proceso de recepción. (ALBALADEJO MAYORDOMO, 1998, p. 124, grifos nossos)⁴

4 Nessa análise, estabelece-se a estrutura dos submundos de cada um dos mundos das personagens e de cada um desses submundos, que são formados por seres, representados por atores, como atuações concretas de actantes, e por estados, processos e ações, representados como proposições. Por meio dessa análise, se chega ao conhecimento e explicitação da estrutura de mundos do texto narrativo, que, elaborado pelo autor, constitui a armação semântica desse texto e seu referente e ao qual o leitor chega em seu processo de recepção (ALBALADEJO MAYORDOMO, 1998, p.124, tradução nossa).

Os mundos e submundos de personagens referenciados pelo pesquisador espanhol são partes da teoria dos mundos possíveis, mais especificamente mundos possíveis ficcionais, narrativos, que são constructos tecidos a partir das escolhas sintagmáticas e paradigmáticas autorais. As escolhas realizadas pela autora Chiziane permitiram a constituição de personagens femininas capazes de reestruturar todo o fluxo narrativo, especialmente ao possibilitar o percurso pela memória e pela história de Delfina e de seus familiares.

O percurso pelo corpo feminino pode, por exemplo, ser verificado no trecho:

[A] Zambézia abriu o seu corpo de mulher e se engravidou de espinhos e fel. Em nome desse amor se conheceram momentos de eterno tormento e as lágrimas tornaram-se um rio inesgotável no rosto das mulheres. As dores de parto se tornaram eternas, os filhos nasciam apenas para morrer, eram carne para canhão. O povo tentou, inutilmente, transformar os corações em pedra para fugir à dor, à morte, à opressão. (CHIZIANE, 2017)

O corpo simbólico identificado na escrita poética da moçambicana revela o modelo de exploração impresso pelo colonialismo. Seu percurso por uma Zambézia com corpo de mulher, grávida de espinhos e com filhos mortos indica a denúncia realizada por uma escritora que soube assinalar a

complexa relação do feminino em sua terra. Segundo Haula Hamad Timeni Freire Pascoal Pereira e Sabrinna Correia Medeiros Cavalcanti,

os estupros estratégicos têm o objetivo de atacar não só a vítima, no caso, a mulher, mas, por intermédio dela, atingir a estrutura social na qual ela está inserida, dissolvendo sua comunidade por intermédio da violência sexual, uma vez que, em tempos de guerra os corpos dos indivíduos tornam-se metaforicamente um só corpo social. (PEREIRA; CAVALCANTI, 2015, p. 11)

Nesse contexto, observa-se a violência sexual como uma forma de tortura, em que a mulher violentada, além de inferiorizada pela cor de sua pele, sofre ainda mais pela desonra. Ela tem sua intimidade violada e acaba excluída socialmente por perder a virgindade. No período colonial,

[a]s guerras dos portugueses foram mais fortes e corremos de um lado para outro, enquanto os barcos dos negreiros transportavam escravos para os quatro cantos do mundo. Vieram novas guerras. De pretos contra brancos, e pretos contra pretos. Durante o dia, os invasores matavam tudo, mas faziam amor na pausa dos combates. Vinham com os corações cheios de ódio. Mas bebiam água de coco e ficavam mansos e o ódio se transformava em amor. As mulheres se parecem com coco, não acham? **As mulheres violadas choravam as dores do infortúnio com sementes no**

ventre, e deram à luz uma nova nação. Os invasores destruíram os nossos templos, nossos deuses, nossa língua. Mas com eles construímos uma nova língua, uma nova raça. Essa raça somos nós. (CHIZIANE, 2017, grifos nossos)

No trecho acima, percebem-se os conflitos gerados pelas fraturas na estrutura social em que as mulheres estão inseridas, haja vista a complexidade das relações construídas por Chiziane nessa narrativa. Como se observou, o próprio homem negro assimilado acabava por incorporar a guerra e auxiliar no transporte de escravos. Caso de José dos Montes que, ao ser assimilado, abre mão de suas crenças, e acaba por vivenciar um conflito íntimo, principalmente por fazer parte daqueles que ferem a alma de seu povo em troca de dinheiro. Sobre isso a própria personagem revela: “[o] exército da traição e da morte ganhou mais um. Que vai eliminar da vida todos os pontos vitais. Vai tornar-se inimigo de si próprio. Olhar para a própria raça como um tormento. Matar homens e proteger o palmar” (CHIZIANE, 2017).

A morte professada pelas mãos do sipaio José parece ecoar por seu lar e, da mesma forma que ele, Maria das Dores, sua filha, ao separar-se do pai, acaba em uma vida de servidão no seu próprio lar, até ser entregue como pagamento a Simba. Ela é uma personagem maculada desde

o próprio nome. De acordo com Raul Ruiz de Asúa Altuna, o nome localiza o indivíduo no grupo e “como outorga um lugar na comunidade, e a palavra que o nomeou é sempre activa, [...] está carregado do dinamismo vital participado da comunidade. Por isso a imposição de um nome obedece a motivações que afectam vitalmente tanto a pessoa como a comunidade” (ALTUNA, 1985, p. 269). O nome dado a Maria das Dores por sua mãe Delfina é contestado por seu avô materno no dia de seu nascimento, contudo, nada demove a mulher, que não se importa com a ideia de que os nomes afetam a vidas das pessoas e da comunidade. O avô questiona a escolha do nome da neta, pois, segundo ele, seria um nome carregado de amargura e embalado por angústias. A previsão do pai de Delfina viria a ser comprovada na continuidade da narrativa, inclusive com o apagamento social da jovem após sofrer o trauma da violência sexual.

O avô, assim, profetiza: “[e]sta mãe louca um dia hipotecará a tua vida e te arrastará por caminhos de dor” (CHIZIANE, 2017). A dor da personagem chegaria ainda muito cedo, aos treze anos, e entregue pela própria mãe. De maneira diversa da mãe, Maria das Dores não teve seus sonhos roubados pelo desejo de um branco, mas pela violação de um negro, bruxo, Simba, que almejava tomar posse dos bens deixados por seu pai branco, Soares, bem

como se vingar de Delfina. Apesar da violência sofrida, a personagem não tem como fugir e nem como ser salva, sendo aprisionada e entorpecida até sua fuga. O homem já casado, polígamo, a tomara como esposa e, mesmo com os apelos da jovem Jacinta, não existia alguém que se interessasse em salvar uma menina negra das garras de seu violador. Nota-se, então, que:

[É] sobre esses constructos patriarcais que se alicerçam as violências de gênero, que se fundamentam nas construções de um dever-ser feminino associado à fragilidade e à castidade e por isso tão decisivo, pois destroem a identidade das vítimas enquanto mulheres, destruindo-as a partir da ruptura da sua imagem perante o mundo e da concepção que fazem de si, fazendo-as passar por um processo de abjeção, reverberando o silêncio e o sentimento de vergonha dessas vítimas como um grande eco na comunidade da qual fazem parte. (PEREIRA; CAVALCANTI, 2015, p. 11)

O percurso elaborado por Chiziane permite a visualização do silenciamento e da prisão sentimental imposta a Maria das Dores. Entre os seus algozes encontram-se todos aqueles que foram capazes de virar as costas para o sofrimento de uma menina, ignorando os apelos de Jacinta, sua irmã. A menina violentada sofre exatamente o processo de abjeção ao apagar-se perante o mundo que conhecia e “[a]li estava

Maria das Dores, entregue ao desconhecido. Palavras como vergonha, dor, consciência, são pedras mortas de significado na boca de sua mãe e desse Simba que ela mal conhece” (CHIZIANE, 2017). Sem as boas lembranças, sem os braços de seu pai negro e o sorriso de seu pai branco, ela se entrega, já que algemada, ao vício e ao esquecimento, sendo mãe e vítima, ao correr dos anos, sem se dar conta. A personagem feminina é, desse modo, envolvida em uma realidade racista e patriarcal, incapaz de punir a violação sexual. A menina, criada sob o jugo do racismo, vivencia a dor da violação e do sileciamento.

O ser mulher, o tornar-se mulher, em uma sociedade banhada em valores patriarcais, oferece profundos enfrentamentos e enormes dores aos envolvidos. A luta do feminino para conseguir sair da clausura, do lugar inferior destinado à mulher, é histórica e terrível, com um longo percurso de ignorância e confronto. Conforme Beauvoir,

l'enfant ne saurait se saisir comme sexuellement différencié. Chez les filles et les garçons, le corps est d'abord le rayonnement d'une subjectivité, l'instrument qui effectue la compréhension du monde: c'est à travers les yeux, les mains, non par les parties sexuelles qu'ils appréhendent l'univers. (BEAUVOIR, 1949, p. 14)⁵

5 a criança não saberia se entender como sexualmente diferenciada. Nas meninas e nos meninos, o corpo é antes de tudo a radiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua

A distinção entre o feminino e o masculino perpetua-se, sendo às mulheres interdito, por vezes, estudar ou tomar suas próprias decisões. Como se lê, as crianças são apenas crianças e, assim, também são as descobertas diante do mundo à sua frente. A percepção do mundo se dá a partir de olhos e mãos e não pelas partes sexuais, sendo, portanto, terríveis as limitações impostas às mulheres. No entanto, o mundo, a sociedade, acaba por colocar crianças em extremos, garantindo ao gênero masculino privilégios, enquanto ao feminino são dadas indicações de conduta, o dever da mulher. Segundo Jeannette Laillou Savona, as feministas entendem que os discursos que aparentam mais neutralidade podem evocar uma dinâmica sexual latente (SAVONA, 1988, p. 114). Nessa mesma linha reflexiva, Beauvoir destaca um conjunto de limitações impostas ao feminino, sendo até mesmo a rua considerada como hostil (BEAUVOIR, 2008, p. 88). Ao tratar de Moçambique, Joana Gorjão Henriques reflete que a escritora moçambicana Paulina Chiziane acaba por ser posta de lado face aos escritores brancos (HENRIQUES, 2017, p. 197). Na perspectiva exposta, observa-se o modo como a mulher historicamente foi concebida como incapaz ou frágil por sua sexualidade e também pela cor da sua pele.

a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos, não pelas partes sexuais que eles apreendem o universo. (BEAUVOIR, 1949, p. 14, tradução nossa)

Delfina ao ser prostituída acaba por perseguir no decorrer de sua vida um desejo de mudança de status social e, então, ela casa, se separa, aceita ser concubina de Soares e, por fim, torna-se dona de um bordel. Ela perde seus filhos e, ainda, os poucos vestígios de amor e empatia, voltando a ter alguma ternura apenas ao fim da narrativa. Em sua jornada conjugam-se sentimentos de tristeza, ódio, infelicidade, todos motivados e derivados do medo de esvair-se a beleza e ela permanecer em sua subcondição. A narrativa, nesse sentido, estrutura a denúncia de uma ferida aberta na vida de mulheres que pagam por terem sido invadidas em suas vidas. Talvez a sucessão de sofrimentos causados pela personagem sejam frutos de sua insatisfação com o domínio patriarcal asseverado pelo colonialismo, todavia a narrativa evidencia o modo como a mulher ganha por servir aos homens na cama, mas perde continuamente ao ambicionar mudar sua condição de vida.

Na narrativa, o tempo revela-se, pouco a pouco, por meio da construção de mulheres que tem seus corpos maculados pela cobiça, pelo sofrimento, isso em distintos momentos. A vida das mulheres, em suas diferentes gerações, é concebida como um passe, uma possibilidade de troca ou venda, perdendo a importância no instante em que a jovem deixa

de ser virgem. Nas palavras de Chiziane, “[e]u sou do Sul. A educação que tive aqui é esta: uma mulher não pode dizer o que pensa ou o que sente, tem de obedecer a tudo o que o homem faz” (WIESER, 2014). Para a mulher resta, então, o espaço da submissão, da obediência, dos castigos físicos, da sobrevivência a qualquer custo. Conforme Gayatri Chakravorty Spivak,

[n]o contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois em ambos os casos, há “evidência”. É mais uma questão de que, **apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina.** Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, **o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.** (SPIVAK, 2010, p. 66-67, grifos nossos)

Nota-se, assim, que os autóctones são considerados como inferiores no processo de colonização, isto é, seres subjugados que precisam aprender a ter civilidade. Contudo, para a mulher as distinções e as imposições tornam-se ainda mais graves e nefastas, pois é delas o fardo de sofrer violações e carregar em seu ventre os

frutos da selvageria humana. Obrigadas a aceitar o domínio masculino, silenciadas e destinadas a servir. Caso, por exemplo, da personagem Maria das Dores que desperta de seu profundo sofrimento de anos e foge com seus filhos, porém, a obscuridade que foi obrigada a aguentar parece levá-la a outra dimensão. O tempo passa e chega-se, então, à idade adulta da personagem que, por sua vez, demonstra as grandes chagas deixadas pelo colonialismo. A ausência de oportunidade fez com que o “sujeito subalterno feminino” (SPIVAK, 2010, p. 67) mais uma vez fosse marcado pela dor da perda de qualquer humanidade.

O caminho trilhado pela mulher, pelo corpo feminino, tanto nas palavras da autora, em diversas entrevistas, quanto em sua narrativa, indica uma existência de distinção e obediência. Tornar-se mulher em meio ao caos instaurado significa combater o racismo enraizado e, ainda, o preconceito incapacitante. De acordo com Elaine Showalter,

[I]es romans des femmes – qu'ils soient féminins ou féministes – ont toujours eu à lutter contre les forces historiques et culturelles qui reléguaient l'expérience des femmes au second plan. En essayant d'exposer les grandes lignes de la tradition féminine, j'ai cherché à dépasser les romancières illustres qu'on a jugées remarquables en me penchant sur la vie et l'œuvre de maintes femmes qui ont été

depuis longtemps exclues de l'histoire littéraire. J'ai tenté de découvrir comment elles se percevaient et percevaient leurs livres, quels choix et sacrifices elles ont fait et comment leur relation à leur profession et à leur tradition a évolué.⁶ (SHOWALTER, 1977 apud SAVONA, 1988, p. 118)

Nessa sociedade de muitas dores, desamores e fratura, Chiziane luta contra forças históricas que perpetuam o apagamento de sua cultura e do feminino. Como a própria autora ressalva, ela escreve sobre mulheres, construindo uma referência menos cruel para as gerações futuras, já que consciente das mazelas do passado. Sua escrita, apesar de permeada pela denúncia e pelo confronto com as emoções mais dolorosas, é também um manto de esperança, tecido pelo olhar acolhedor da sabedoria ancestral. Assim, a menina que virou mulher, Maria das Dores, sem perceber redescobre seus filhos já adultos e criados com amor por uma freira. Eram três: “o Benedito, o Fernando e a Rosinha. Filhos de uma freira branca e do barro negro dos montes” (CHIZIANE, 2017).

A história construída pelo fel semeado no ventre da Zambézia traz em si afetos que irmanam nos alicerces

6 Os romances femininos - sejam eles femininos ou feministas - sempre tiveram que lutar contra as forças históricas e culturais que relegaram a experiência das mulheres a um segundo plano. Na tentativa de expor as linhas principais da tradição feminina, eu procurei ir além dos romancistas ilustres que foram julgados extraordinários inclinando-me sobre a vida e obra de muitas mulheres que tem estado desde um longo tempo excluídas da história literária. Tentei descobrir como elas se percebiam e percebiam seus livros, quais escolhas e sacrifícios elas fizeram e como sua relação com sua profissão e sua tradição evoluiu (SHOWALTER, 1977 apud SAVONA, 1988, p. 118, tradução nossa)

narrativos, perpetrando sentimentos conflituosos, mas complementares. Em um mundo capaz de ceifar sonhos, Chiziane planta a esperança no futuro, especialmente ao permitir à Maria das Dores despertar de sua obscuridade para reencontrar seus filhos vivos e bem. A superação do mal é alcançada até mesmo por Delfina, que finalmente consegue recuperar sua filha perdida.

Não se trata de uma história de sentimentos fixos ou marcada pela rápida superação das dores e das misérias, ao contrário, as personagens, em busca de redenção ou de superação, trilham longos caminhos, algumas vezes desafiando a si mesmas. As gerações dessa família foram muito violentadas pela marcha da colonização, sofrendo em diferentes níveis com a angústia de pertencer à classe dos dominados. Em certo sentido, algumas personagens aparentam conseguir sair do eixo dominador e dominado, transmutando suas vidas, entretanto, o discurso da ascensão pelo casamento com brancos permanece em determinados momentos. A mistura entre brancos e negros e o modo como é apresentada indica a busca pela igualdade e a transcendência por meio do amor, do encontro com a esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso de Paulina Chiziane pelo passado histórico moçambicano permuta o tempo e reconstrói noções importantes, mas, ressalvem-se doloridas, principalmente ao apresentar em sua obra o determinante papel do feminino, ainda que tenha sido constantemente relegado ao obscurecimento. É evidente a denúncia do racismo enraizado nas estruturas sociais e o modo como o preconceito afeta diretamente a vida das mulheres, que sofrem por seu gênero e, ainda, pela cor da sua pele. Assim, o percurso do feminino em sua obra evoca novos horizontes para o feminino, indicando um novo imaginário em torno do mundo do porvir. A escritora coloca em evidência as mazelas do passado, mas possibilita a esperança, resgatando os laços do amor.

Enfim, em *O alegre canto da perdiz*, Chiziane desnuda o doloroso aprisionamento do feminino, narrando o percurso de uma família de mulheres enganadas e violentadas por um ideal de sobrevivência. A narrativa desnuda, em certo sentido, a faceta histórica que cerca o processo de ocupação das colônias. Nessa constituição, as personagens expõem o conflito permanente de sua existência, indicando os conflitos derivados do contato entre os colonizadores e os colonizados,

até mesmo focalizando os conflitos vividos pelos assimilados. Afinal, não bastava aos dominados aprenderem a língua do colonizador, era necessário abandonar os laços com sua própria cultura, considerada bárbara, e renegá-la, em um complexo renascimento simbólico.

Ao fim da narrativa, Paulina Chiziane promove o encontro com a esperança e com o amor. A benção da reunião familiar tudo cura e todos poupa. A família esfacelada pelas múltiplas violências derivadas da experiência colonial e de práticas cruéis reencontra-se sob o manto da ancestralidade, do respeito aos ensinamentos dos mais velhos, produzindo na jovem Maria das Dores a capacidade do perdão e da cura. Como a narrativa ensina: “a beleza do mundo é a diversidade, todas as raças, de todo o mundo, porque somos todos filhos do sol” (CHIZIANE, 2017).

REFERÊNCIAS

- ALBALADEJO MAYORDOMO, Tomás. *Teorías de los mundos posibles y macroestructura narrativa: Análisis de las novelas cortas de Clarín*. Espanha: Universidad de Alicante, 1998.
- ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. *Cultura Tradicional Banto*. Luanda: Edição do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe: L'expérience vécue*, II. Paris: Éditions Gallimard, 1949.
- BEAUVOIR, Simone de. *La Femme indépendante*. Paris: Éditions Gallimard, 2008.

- BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. v. 1. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BOUTCHICH, Sana. *A imagem da mulher e a construção da identidade feminina na narrativa de Paulina Chiziane* (Balada de amor ao vento e Niketche: uma história de poligamia). 2016. Tese (Mestrado em Estudos Românicos: Estudos Brasileiros e Africanos) - Universidade de Lisboa. Lisboa, 2016. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/24544/1/ulfl212808_tm.pdf. Acesso em: 04 mar. 2021.
- CABAÇO, José Luís. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. [Ebook Kindle].
- CHABAL, Patrick. “Paulina Chiziane”. In: CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Veja, p. 292-301, 1994.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1977.
- CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Portugal: Caminho, 2017. [e-book kindle].
- DOLEZEL, Lubomír. *Heterocósmica: ficción y mundos posibles*. Madrid: ARCO/LIBROS, 1999.
- FUNADA-CLASSEN, Sayaka. *The Origins of war in Mozambique – A History of Unity and Division*. África do Sul: África Minds, 2012.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história e testemunho. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, p. 49-57, 2006.
- GROULT, Benoîte. Préface. In: BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe: Les faits et les mythes*, I. Paris: Éditions Gallimard, 1949.
- HENRIQUES, Joana Gorjão. *Racismo em Português. O Lado Esquecido do Colonialismo*. Lisboa: Tinta da China, 2017.

LEITE, Ana Mafalda. *Ensaaios sobre Literaturas Africanas*. Maputo: Alcance, 2013.

LIMA, Norma Sueli Rosa. Úrsula e o Alegre Canto da Perdiz: Quando as águas se encontram em Maria Firmina dos Reis e Paulina Chiziane. In: FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de (Org.). *Moçambique no feminino: a narrativa de Paulina Chiziane*. João Pessoa: Editora UFPB, p. 119-134, 2021.

MINDOSO, André Victorino. *Os Assimilados de Moçambique: Da situação colonial à experiência socialista*. 2017. Tese (Pós-graduação em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/pgsocio/files/2017/12/R-T-Andr%C3%A9-Mindoso-2013-2017.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2021.

PAVEL, Thomas G. *Ficcional Worlds*. Massachusetts: Harvard University Press Cambridge, 1988.

PEREIRA, Haula Hamad Timeni Freire Pascoal; CAVALCANTI, Sabrinna Correia Medeiros. A prática do estupro de mulheres como estratégia de guerra sob o viés do direito internacional. *Revista Tem@*. Revista On-line do CESED – Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento, v. 16, n. 24/25, p. 4- 20, janeiro/dezembro de 2015.

REMÉDIOS, José Maria. Não volto a escrever. Basta. [Entrevista concedida a *O País*]. *Portal Geledés*, 11 jul. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/paulina-chiziane-nao-volto-escrever-basta/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

ROSSINI, Tayza Nogueira. A construção do feminino na literatura: representando a diferença. *Trem de Letras*. v. 3, n. 1, p. 97-111, 11 julho de 2016. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/459>. Acesso em 03 mar. 2021.

SAVONA, Jeannette Laillou. Le féminisme et les études littéraires en France et en Amérique du Nord. In: SAVONA, Jeannette Laillou. *Littérature, Intertextualité et révolution*. n. 69, p. 113- 127, 1988. Disponível em https://www.persee.fr/doc/litt_0047-4800_1988_num_69_1_1462. Acesso em: 15 fev. 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes histórica. *PSIC. CLIN.* Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *Memória do mal, tentação do bem*. Indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002.

WIESER, Doris. Os anjos de Deus são brancos até hoje. [Entrevista concedida à *Buala*]. *Portal Geledés*, 27 novembro de 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/os-anjos-de-deus-sao-brancos-ate- hoje-diz-paulina-chiziane-em-entrevista/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

Luciana Moraes da Silva

Pós-Doutora em Letras – Estudos de Literatura –Teoria da Literatura e Literatura Comparada – pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2018).

Atua como professora/tutora da Faculdade Unyleya. Trabalha também com consultoria acadêmica e revisão.

Participa do Grupo de Pesquisa do CNPq “Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica”.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2847441618182578>

E-mail: lulu_msilva@yahoo.com.br

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7757-801X>